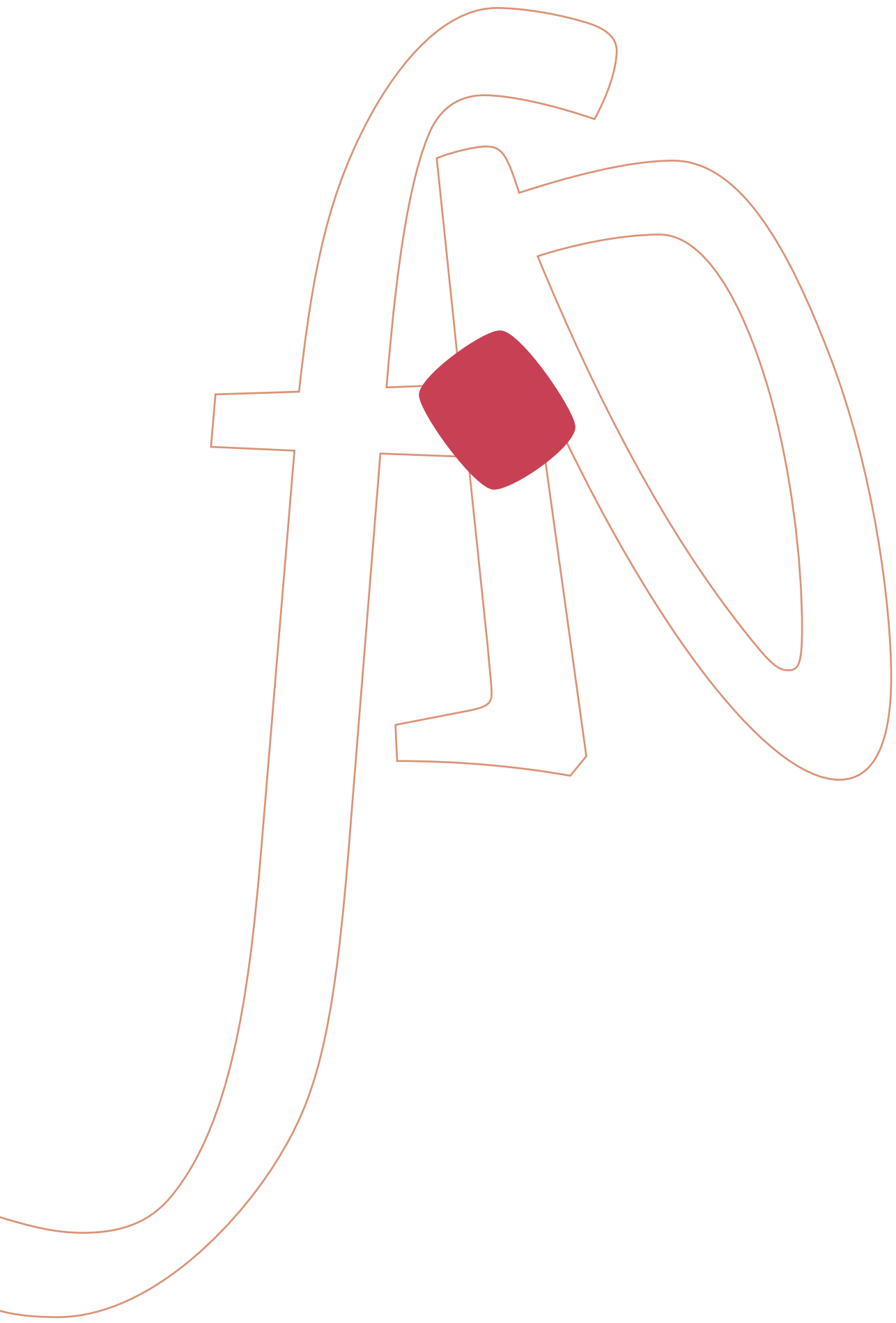


O amor natural

**Carlos
Drummond
de Andrade**

E eu desejo que chegue o Verão, quando a bunda, abunda!



COXAS BUNDAS COXAS

*Coxas
bundas
lábios
cheiros*

*bundas
coxas
línguas
vulvas*

*coxas
bundas
unhas
céus
terrestres
infernais
no espaço ardente de uma hora
intervalada em muitos meses
de abstinência e depressão.*



NO CORPO FEMININO...

*No corpo feminino, esse retiro
- a doce bunda - é ainda o que prefiro.
A ela, meu mais íntimo suspiro,
Pois tanto mais a apalpo quanto a miro.*

*Que tanto mais a quero, se me firo
Em unhas protestantes, a respiro
A brisa dos planetas, no seu giro
Lento, violento... Então, se ponho tiro*

*A mão em concha - a mão, sábio papiro,
Iluminando o gozo, qual lampiro.
Ou se, dessedentado, já me estiro,*

*Me penso, me restauro, me confiro,
O sentimento da morte ei que adquiro:
De rola, a bunda torna-se vampiro.*



A BUNDA, QUE ENGRAÇADA

*A bunda, que engraçada.
Está sempre sorrindo, nunca é trágica.*

*Não lhe importa o que vai
pela frente do corpo. A bunda basta-se.
Existe algo mais? Talvez os seios.
Ora - murmura a bunda - esses garotos
ainda lhes falta muito que estudar.*

*A bunda são duas luas gêmeas
em rotundo meneio. Anda por si
na cadência mimosa, no milagre
de ser duas em uma, plenamente.*

*A bunda se diverte
por conta própria. E ama.
Na cama agita-se.
Montanhas avolumam-se, descem.
Ondas batendo
numa praia infinita.*

*Lá vai sorrindo a bunda.
Vai feliz na carícia de ser e balançar.
Esferas harmoniosas sobre o caos.*

*A bunda é a bunda,
rebunda.*

a

moça
mostrava a
coxa,
a moça
mostrava a
nádega,
só não

mostrava aquilo - concha, berilo,
esmeralda - que se entreabre,
quatrifólio, e encerrra o gozo mais
lauto, aquela zona hiperbórea,
misto de mel e de asfalto,
porta hermética nos gonzos
de zonzos sentidos presos,
ara sem sangue de ofícios,
a moça não me mostrava.
E torturando-me, e virgem
no desvairado recato
que sucedia de chofre
à visão dos seios claros,
qua pulcra rosa preta
como que se enovelava,
crespa, intata, inacessível,
abre-que-fecha-que-foge,
e a fêmea, rindo, negava
o que eu tanto lhe pedia,
o que devia ser dado
e mais que dado, comido.
Ai, que a moça me matava
tornando-me assim a vida

esperança consumida
no que, sombrio, faiscava.
Roçava-lhe a perna.
Os dedos descobriam-lhe segredos
lentos, curvos, animais,
porém o máximo arcano,
o todo esquivo, noturno,
a tríplice chave de urna,
essa a louca sonegava,
não me daria nem nada.
Antes nunca me acenasse.
Viver não tinha propósito,
andar perdera o sentido,
o tempo não desatava
nem vinha a morte render-me
ao luzir da estrela-dalva,
que nessa hora já primeira,
violento, subia o enjoo
de fera presa no Zôo.
Como lhe sabia a pele,
em seu côncavo e convexo,
em seu poro, em seu dourado
pêlo de ventre! Mas sexo
era segredo de Estado.
Como a carne lhe sabia
a campo frio, orvalhado,
onde uma cobra desperta
vai traçando seu desenho
num frêmito, lado a lado!

Mas que perfume teria
a gruta invisível? que visgo,
que estreitura, que doçume,
que linha prístina, pura,
me chamava, me fugia?
Tudo a bela me ofertava,
e que eu beijasse ou mordesse,
fizesse sangue: fazia.

Mas seu púbis recusava.

Na noite acesa, no dia,
sua coxa se cerrava.

Na praia, na ventania,
quando mais eu insistia,
sua coxa se apertava.

Na mais erma hospedaria
fechada por dentro a aldrava,
sua coxa se selava,
se encerrava, se salvava,
e quem disse que eu podia
fazer dela minha escrava?

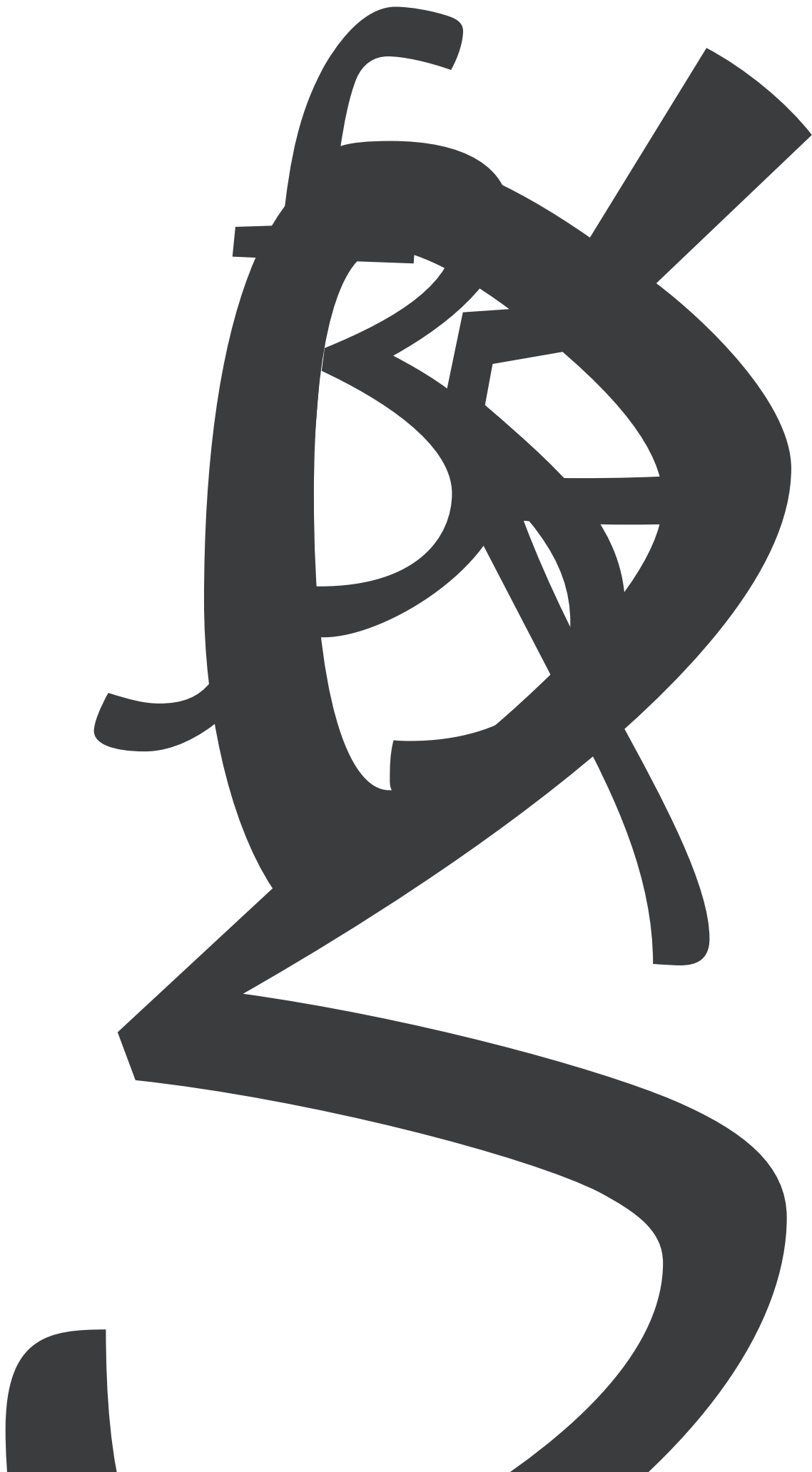
De tanto esperar, porfia
sem vislumbre de vitória,
já seu corpo se delia,
já se empana sua glória,
já sou diverso daquele
que por dentro se rasgava,
e não sei agora ao certo
se minha sede mais brava
era nela que pousava.

Outras fontes, outras fomes,
outros flancos: vasto mundo,
e o esquecimento no fundo.
Talvez que a moça hoje em dia...
Talvez. O certo é que nunca.
E se tanto se furtara
com tais fugas e arabescos
e tão surda teimosia,
por que hoje se abriria?
Por que viria ofertar-me
quando a noite já vai fria,
sua nívea rosa preta
nunca por mim visitada,
inacessível naveta?
Ou nem teria naveta...



SOB O CHUVEIRO AMAR

*Sob o chuveiro amar, sabão e beijos,
ou na banheira amar, de água vestidos,
amor escorregante, foge, prende-se,
torna a fugir, água nos olhos, bocas,
dança, navegação, mergulho, chuva,
essa espuma nos ventres, a brancura
triangular do sexo – é água, esperma,
é amor se esvaindo, ou nos tornamos fontes?*



A língua girava no céu da boca. Girava!
Eram duas bocas, no céu único.

O sexo desprendera-se de sua fundação,
errante imprimia-nos seus traços de cobre.
Eu, ela, ela eu.

Os dois nos movíamos possuídos,
trespassados, eleu.
A posse não resultava de ação e doação,
nem nos somava.
Consumia-nos em piscina de aniquilamento.
Soltos, fálus e vulva no espaço cristalino,
vulva e fálus em fogo, em núpcia,
emancipados de nós.

A custo nossos corpos,
içados do gelatinoso jazigo,
se restituíram à consciência.
O sexo reintegrou-se.
A vida repontou: a vida menor.

AMOR, POIS QUE É PALAVRA ESSENCIAL

*Amor - pois que é palavra essencial
comece esta canção e toda a envolva.*

*Amor guie o meu verso, e enquanto o guia,
reúna alma e desejo, membro e vulva.*

*Quem ousará dizer que ele é só alma?
Quem não sente no corpo a alma expandir-se
até desabrochar em puro grito
de orgasmo, num instante de infinito?*

*O corpo noutro corpo entrelaçado,
fundido, dissolvido, volta à origem
dos seres, que Platão viu contemplados:
é um, perfeito em dois; são dois em um.*

*Integração na cama ou já no cosmo?
Onde termina o quarto e chega aos astros?
Que força em nossos flancos nos transporta
a essa extrema região, etérea, eterna?*

*Ao delicioso toque do clitóris,
já tudo se transforma, num relâmpago.
Em pequenino ponto desse corpo,
a fonte, o fogo, o mel se concentraram.*

*Vai a penetração rompendo nuvens
e devassando sóis tão fulgurantes
que nunca a vista humana os suportara,
mas, varado de luz, o coito segue.*

*E prossegue e se espraia de tal sorte
que, além de nós, além da própria vida,
como ativa abstração que se faz carne,
a idéia de gozar está gozando.*

*E num sofrer de gozo entre palavras,
menos que isto, sons, arquejos, ais,
um só espasmo em nós atinge o climax:
é quando o amor morre de amor, divino.*

*Quantas vezes morremos um no outro,
no úmido subterrâneo da vagina,
nessa morte mais suave do que o sono:
a pausa dos sentidos, satisfeita.*

*Então a paz se instaura. A paz dos deuses,
estendidos na cama, qual estátuas
vestidas de suor, agradecendo
o que a um deus acrescenta o amor terrestre.*

Amor e seu tempo

Amor é privilégio de maduros
estendidos na mais estreita cama,
que se torna a mais larga e mais relvosa,
roçando, em cada poro, o céu do corpo.

É isto, amor: o ganho não previsto,
o prêmio subterrâneo e coruscante,
leitura de relâmpago cifrado,
que, decifrado, nada mais existe

valendo a pena e o preço do terrestre,
salvo o minuto de ouro no relógio
minúsculo, vibrando no crepúsculo.

Amor é o que se aprende no limite,
depois de se arquivar toda a ciência
herdada, ouvida. Amor começa tarde.



BUNDAMEL BUNDALIS
BUNDACOR BUNDAMOR

*Bundamel bundalis bundacor bundamor
bundalei bundalor bundanil bundapão
bunda de mil versões, pluribunda unibunda
bunda em flor, bunda em al
bunda lunar e sol
bundarrabil*

*Bunda maga e plural, bunda além do irreal
arquibunda selada em panta de hermetismo
opalescente bun
incandescente bun
meigo favo escondido em tufos tenebrosos
a que não chega o enxofre da lascívia
e onde a global palidez de zonas hiperbóreas
concentra a música incessante
do girabundo cósmico.*

*Bundaril bundilim
bunda mais do que bunda
Bunda mutante/renovante
que ao número acrescenta uma nova harmonia.
Vai seguindo e cantando e envolvendo de espasmo
o arco de triunfo, a ponte de suspiros
a torre de suicídio, a morte do Arpoador
bunditálix, bundífoda
bundamor bundamor bundamor bundamor.*

Oh minha senhora ó minha senhora oh não se incomode senhora minha não faça isso eu lhe peço eu lhe suplico por Deus nosso redentor minha senhora não dê importância a um simples mortal vagabundo como eu que nem mereço a glória de quanto mais de... não não não minha senhora não me desabotoe a braguilha não precisa também se despir o que é isso é verdadeiramente fora de normas e eu não estou absolutamente preparado para semelhante emoção ou comoção sei lá minha senhora nem sei mais o que digo eu disse alguma coisa? sinto-me sem palavras sem fôlego sem saliva para molhar a língua e ensaiar um discurso coerente na linha do desejo sinto-me desamparado do Divino Espírito Santo minha senhora eu eu eu ó minha senh... esses seios são seus ou é uma aparição e esses pêlos essas nád... tanta nudez me deixa naufragado me mata me pulveriza louvado bendito seja Deus é o fim do mundo desabando no meu fim eu eu ...



INICIAÇÃO AMOROSA

*A rede entre duas mangueiras
balançava no mundo profundo.
O dia era quente, sem vento.*

*O sol lá em cima,
as folhas no meio,
o dia era quente.*

*E como eu não tinha nada que fazer
vivia namorando
as pernas morenas da lavadeira.*

*Um dia ela veio para a rede,
se enroscou nos meus braços
me deu um abraço,
me deu as maminhas
que eram só minhas.*

*A rede virou,
o mundo afundou.
Depois fui para a cama
febre 40 graus febre.
Uma lavadeira imensa,
com duas tetas imensas,
girava no espaço verde.*

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira do Mato Dentro – Mato Grosso – em 31 de Outubro de 1902. De uma família de fazendeiros em decadência, estudou na cidade de Belo Horizonte e com os jesuítas no Colégio Anchieta de Nova Friburgo, de onde foi expulso por «insubordinação mental». De novo em Belo Horizonte, começou a carreira de escritor como colaborador do Diário de Minas, que aglutinava os adeptos locais do movimento modernista mineiro.

Ante a insistência familiar para que obtivesse um diploma, formou-se em Farmácia na cidade de Ouro Preto em 1925. Fundou com outros escritores **A Revista**, que, apesar da vida breve, foi importante veículo de afirmação do Modernismo em Minas. Ingressou no serviço público e, em 1934, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi chefe de gabinete de Gustavo Capanema, ministro da Educação, até 1945. Passou depois a trabalhar no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e aposentou-se em 1962. Desde 1954 colaborou como cronista no **Correio da Manhã** e, a partir do início de 1969, no **Jornal do Brasil**.

O Modernismo não chega a ser dominante nem mesmo nos primeiros livros de Drummond, *Alguma poesia* (1930) e *Brejo das almas* (1934), em que o poema-piada e a descontração sintática pareceriam revelar o contrário. A dominante é a individualidade do autor, poeta da ordem e da consolidação, sempre contraditórias. Torturado pelo passado, assombrado com o futuro, ele detém-se num presente dilacerado, testemunha lúcida de si mesmo e do transcurso dos homens, de um ponto de vista melancólico e céptico. Mas, enquanto ironiza os costumes e a sociedade, asperamente satírico em seu amargo desencanto, entrega-se com empenho e requinte construtivo à comunicação estética desse modo de ser e estar.

Vem daí o rigor, que beira a obsessão. O poeta trabalha com o tempo, na sua cintilação cotidiana e subjectiva, no que destila do corrosivo. Em *Sentimento do mundo* (1940), em *José* (1942) e sobretudo n'*A rosa do povo* (1945), Drummond lançou-se ao encontro da história contemporânea e da experiência colectiva, participando, solidarizando-se, descobrindo na luta a explicitação da sua apreensão para com a vida. A surpreendente sucessão de obras-primas, nesses livros, indica a plena maturidade do poeta.

Drummond foi seguramente o poeta mais influente da literatura brasileira em seu tempo, tendo também publicado diversos livros em prosa. Em mão contrária traduziu autores estrangeiros: Balzac (*Les Paysans*, 1845), Choderlos de Laclos (*Les Liaisons dangereuses*, 1782), Marcel Proust (*La Fugitive*, 1925), García Lorca (*Doña Rosita, la soltera o el lenguaje de las flores*, 1935), François Mauriac (*Thérèse Desqueyroux*, 1927) e Molière (*Les Fourberies de Scapin*, 1677).

Carlos Drummond de Andrade morreu no Rio de Janeiro, no dia 17 de Agosto de 1987.

*Este livrinho foi composta com a Kinesis
de Mark Jamra.*

Em Dezembro de 2006